

2a. PARTE — POESIA

SAUDAÇÃO A CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE NO SEU CINQUENTENÁRIO DE POESIA

Artur Eduardo Benevides

Que poderei dizer-te em frágil verso,
ó poeta geral, hierofante puro,
andarilho outonal, luz que brilha no escuro
a iluminar as queixas e metáforas?
Teus pés nos andam. Teu gesto
ressofre a nossa espera tão opaca
e ao breve amor na tarde se desata
e vem-nos proíngar.
Doeu-te aquela pedra no caminho.
E um novo santo do Aleijadinho
vieste a ser
nos módulos do tempo.
Ficaste à sombra de doces cata-ventos
no infêmero vezo de cantar.
E ouviste, ó fazendeiro do ar,
gramofones e vozes vespertinas
a refazer as horas sobre Minas
e os ventos nos gerais.
E tua lira
(vigil, sofrida, magra, malferida)
cresceu em dor e evocações fatais.
Oh, no plúmbeo chão dos homens apanhaste
queixumes e súplicas insones.
E por onde vagaste? A que lume ou negrume
conduziste o olhar?
Ao claro enigma? Ao brejo das almas?
Ao frêmito das gestas? Ao final das festas?

Ou à rosa do povo, que jamais findou?
É certo: teu verso nos legou
o sentimento do mundo, como suma
de teu vasto saber.
E ensinaste-nos a ver
o mito, a provisão, a náusea e o sangue
de um ser em coágulos, exangue,
na expectativa de um tigre
enfurecido.
Em teu jeito de antílope ferido
em teu rosto anguloso
no ardiloso
sopesar de nuvens e de guerras
percebes de súbito o que se encerra
nas cápsulas do medo.
E vês, ao longo, a lua embriagada
nos versos, nos loucos e nas grávidas,
nos frutos e marés.
Sabes todas as cousas. És
o barqueiro que chega aqui e lá.
Mas tens que competir e navegar
e jogas exorcismos sobre os dias
que prendem nossa mágoa a Babilônia.

Ó poeta civil, ó olho vertical,
teu verso, incircunstancial,
sangra.
E de indóceis dilúculos e insônias
vem. Daqui e mais dalém.
É a perdiz infeliz. O vinho
da colheita. A lágrima transfeita
em álbum e confissão.
É o transparente chão
por onde passam os homens.
Cão que ladra nas trevas
e tem fome
de ausências e dores que há em nós.
E ouves de José a pobre voz
espetada no fundo de um poço.

Tomas da viola e com esforço
reinauguras as cousas que se acabam.
E a chuva cai nos teus olhos e vem
das estradas de Minas e do mundo
Moderno, és eterno. És profundo.
És como as puras águas de verão.
Tua tristeza dói. E em solidão
a taça de teu vinho se quebrou.
A canoa no rio se perdeu.
E ficaste a olhar o meu e o teu
destino.
A escutar, num tempo em desatino,
mínuanos presos num cristal.
E quem és, afinal?
Aprendeste a transver o ser humano
em seu lábil viver, por entre os danos
flamejantes de sua condição.
Percebeste o sem-fim do desamor
e o guarda-chuva abriste sob o espanto
da multidão em anátema e sem cor.
Às vezes, da cadeira de balanço,
vês Itabira no alto da parede.
E ela refaz-se em ti
qual grito ou sede.
E relanças ao rio tuas malhas.
Mas turvas são as águas e te dão
as pálpebras de mortos esquecidos.
Límpo sempre estás e sóbrio sob
as danações e penas tão sofridas.
Entanto, o tempo, lento,
destrói a paz e as estações
perdidas.
E tudo morre. Só o que é belo
remadruga no nosso coração.
Mas estamos, então, a mastigar
as palavras do adeus no nosso pão.
E te ergues de fainas e batalhas.
No âmago da noite cravas

o epitáfio total.
És um oráculo. Um espírito
clássico e casto.
Mantens teus compromissos
com o êxtase e as tardes.
E sabes que teu verso
(dosado em pedra e cal, disciplinado
nos laudêmios devidos à verdade)
vem, talvez, de um breve suspirar
por cartas que não chegam ou por um par
de janelas que se abrem em dor e valsa.
Lá embaixo
os solitários passam insolidários.
Morcegos devoram-se no caos.
E um clamor se ergue passional,
de tropéis e quartéis, enquanto
em lentidão apagam-se as fogueiras.

Ai, dissabores tivemos e canseiras!
Nossa véspera cresce num deserto.
E nem sabemos se estamos longe ou perto
do fim.
Perdes teus haveres e querereres.
A sotavento ficas e assim
vês Quixote na sombra de teus passos.
Estamos a gritar. Os olhos, baços,
E se tudo se foi, por que desvelos?
As torres do silêncio despencaram.
As ovelhas nas roças já morreram.
E recebes, nos versos, os destons
do mundo em megatons e pesadelos.
E a lembrança de Minas recompõe
as verdes sesmarias.
És finissecular. Reassovias
memórias e vãs venerações.
Invidias sofres. Nas antevisões
o futuro ficas a prover.
E estar perto de ti é amanhecer.

É ter os vilancetes da esperança.
No teu verso, flauta que não cansa,
a aurora vem. E o amor também.
Maduros quais nêspas e prantos.

Por isso vim saudar-te.
Vim trazer-te o louvor desta seresta.
Vim jogar a teus pés esta discreta
cantiga de querença e lealdade.
E com respeito gravarei teu nome
sobre a concha e a laje do meu verso.
Carlos Drummond de Andrade — no universo
de teu Canto maior nos abrigamos.